

Roosevelt Pinheiro

QUEOPS PYRAMID



Stella Aguiar mostra uma Asa Norte mística, com calor humano

Mônica Silva da Silveira

Brasília, cidade polêmica, de asas e eixos, amores e ódios, e infinitas contradições. Entender sua dinâmica é uma tarefa árdua, que jamais se esgotará a partir de uma, duas ou três visões ou abordagens. Suas peculiaridades são muitas, e a maior delas talvez não se constitua no fato de ter sido planejada, mas sim, no contexto histórico de seu nascimento.

Juscelino Kubitschek, ao afirmar que cumpria a Constituição, foi interpelado por um popular que lembrou-lhe que a Carta Magna mencionava a transferência da Capital do País para o Planalto Central.

A história da cidade tem então, o seu início. Em 1957, Lúcio Costa vence o concurso proposto, e seu Plano Piloto desafiava o cerrado, carregando em si a tônica da modernidade. Brasília, até hoje exaltada como representante do novo, parece já conter elementos do velho. Moradores, comerciantes, filhos da terra e acadêmicos mencionam esta característica em seu discurso, trazendo à tona uma importante questão, que poderia ser "qual é o nome da rosa?", "mas passa a ser "qual é o nome do novo?"

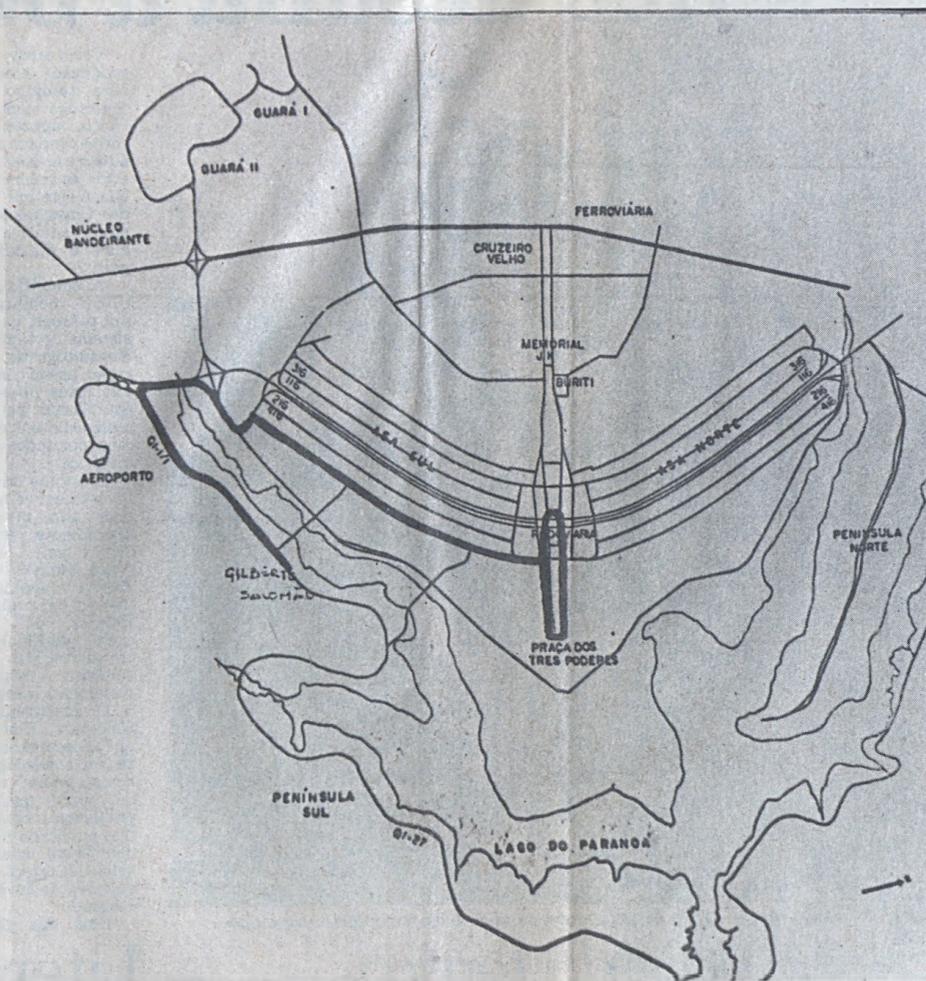
As diferenças básicas entre a construção feita ao final dos anos 50, início dos 60, e com o que hoje é levantado mexem com a população. Principalmente se levarmos em conta os moradores que permaneceram na cidade, não voltando aos seus Estados de origem, após o cumprimento de serviços oficiais. Asa Sul e Asa Norte carregam uma igualdade e uma diferença entre si. Há quem enxergue situações distintas, e quem considere que a estrutura básica permaneça a mesma. Mas tanto a satisfação como a insatisfação geram polêmicas. As afinidades e as divergências aparecem, e o assunto não se esgota.

Cinquenta anos em cinco exigia rapidez e a nova Capital deveria estar concluída com a maior brevidade possível. Sendo assim, o seu planejamento e desenho foram feitos, com a marca da pressa do momento. O próprio Lúcio Costa, apesar de ter apresentado um relatório que caracterizava a cidade de maneira extremamente clara, foi pouco detalhista no que diz respeito ao projeto. De acordo com a arquiteta, urbanista e professora do departamento de Arquitetura da UnB, Maria Elaine Kohlsdors, a base principal estava no sistema viário, que foi muito bem detalhado, visando à não reversibilidade do processo, ou seja, à não evasão dos novos residentes para os seus estados de origem.

Com exceção da rodoviária — que na opinião da arquiteta constitui-se em uma síntese de espaço interno com espaço externo — e das primeiras quadras e palácios que foram edificadas com o maior esmero possível, a pressa marcou as demais obras, cujas diretrizes, a partir do relatório, passaram a ser inferidas ou deduzidas. Não houve um planejamento sistemático, mas ações isoladas. E esta é a causa de um problema, agravado pelo fato de "primeiro plano de desenvolvimento territorial do DF" ser datado de 1976, quando todos os tetos populacionais, feitos de acordo com os estudos preliminares do Plano Piloto, já haviam sido extrapolados.

Este panorama inicial, com a intenção de que o leitor, residente ou não na cidade pudesse mergulhar um pouco mais na realidade dos primórdios de Brasília, chega agora ao ponto do tema proposto pelo JBr para este domingo: Asa Sul/Asa Norte, via Comércio Local. Maria Elaine esclareceu que a partir dos croquis de Lúcio Costa, todos os comércios foram construídos iguais. Ela mesma lança duas questões a serem pensadas por todos os que se interessam pela dinâmica da Capital — "Será este um fator importante para a cidade, ou será que esta igualdade impede a identificação?" A resposta não pode ser dada sem reflexão, mas é curioso lembrar que as identificações mais importantes são feitas a partir de nomes de batismo popular, como Rua do Beirute, Rua da Igreja, Rua da Praliné ou Rua das Boutiques, e não pelas siglas tradicionais.

O Jornal de Brasília deu início a sua pesquisa pelo final das Asas. As comerciais das 216 Sul e Norte foram as escolhidas. Paulo Jorge, proprietário da Merceria Paula, na CLN 216, subsolo, declarou ter feito uma opção pelo local. Em termos comerciais ele aponta estar em região privilegiada, tendo em vista a densidade populacional que o circunda. Em relação às modificações arquitetônicas da quadra, Paulo vê a existência de um maior entrosamento entre os comerciantes e os moradores dos dois andares residenciais sobrepostos às lojas. Para ele, esta é a tendência atual. O comércio/residência cria amizades, ao ponto de crianças que hoje compram balas em suas mãos, terem sido conhecidas primeiramente pelas



Asa Sul X Asa Norte

Via Comércio Local

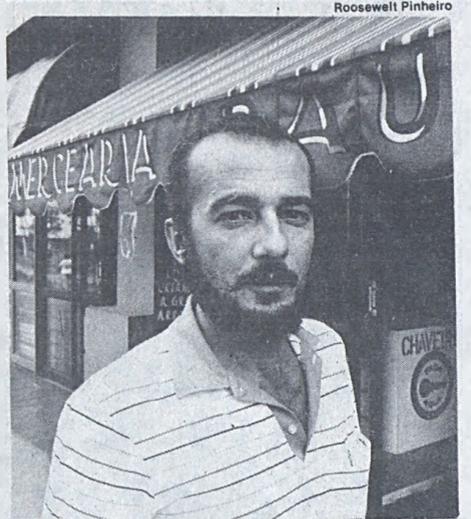
barrigas de suas mães, que grávidas, frequentavam o seu estabelecimento. «O subsolo aqui, com seus banquinhos, tornou-se um espaço para brincadeiras infantis, bate-papos de mães com carrinhos, e ponto para se tomar uma cervejinha gelada. Os encontros acontecem de forma tranquila e amistosa, tanto que a minha mercearia, mais conhecida como Biroca do Paulo, reúne tradicionalmente um cavaquinho, um violão e um pandeiro num pagode que começa a partir da quarta-feira. Profissionais de todos os gêneros se divertem, e o destaque fica por conta do dentista aprendiz de cavaquinho, e do sapateiro que toca pandeiro».

O carro se desloca e a próxima parada é a CLS 216. Friburgo — Queijos e Frios, Vinhos e Amigos — está na ponta da outra Asa. Para Wanderson Campos, proprietário do estabelecimento há um ano e dez meses, trabalhar em ponta de asa é estimulante, pois há que se usar a imaginação para sair do lugar comum, e ao mesmo tempo prestar um serviço de alta qualidade. Para ele, a sua quadra tem um nível de comércio bom, onde a preocupação com o investimento na aparência externa local é fundamental. Um exemplo disto está nas calçadas de ardósia. O comércio é sui generis, diz Wanderson, que instituiu um misto de barzinho com delicatessen, acrescentando que o perfil da clientela é dos melhores, havendo muito deslocamento de pessoas de outras quadras para lá. Já em relação a Asa Norte, ele a considera bem mais interessante, porque «existe uma quebra da monotonia arquitetônica e os espaços são bem maiores. Quanto ao relacionamento humano da 216 Sul, há uma ótima troca de gentilezas e de prestação de serviços. Para a arquiteta Maria Elaine, as alterações entre as duas asas são apenas epidérmicas e não morfológicas, tendo em vista as rígidas normas de edificação.

Originalmente todos os comércios locais seriam virados para dentro das quadras, e inexistiriam as ruas. As comerciais são as nossas ruas, diz ela ao mencionar uma tendência urbanista que pretende criar novas unidades morfológicas, gerando uma interiorização, como é o caso dos shopping centers. A Asa Norte, que teve uma ocupação mais tardia, propiciou críticas, e outra postura foi adotada pelo governo. A alteração essencial está na abertura dos comércios para vários lados, contudo a interiorização é percebida, e há quadras onde minishoppings começam a surgir, motivados por uma quantidade enorme de lojas encontrarem-se em espaço fechado. Já que os olhos da rua são as portas e as vitrines, e o fluxo do movimento se dá em espaço aberto, Maria Elaine questiona a tendência contemporânea, perguntando se esta é a única maneira de se fazer urbanismo. «E os 3.000 anos de história?»

A famosa Babilônia, ou CLN 205/6, virada para dentro da quadra desagradava tanto os comerciantes, como moradores, ou transeuntes, que se revoltam com a ineficiência e feiúra. Em meio a monte de concreto desordenado, becos e uma estrutura sufocante, a reportagem do JBr, à cata de uma porta, deparou com uma que ostentava o seguinte letrero: «Condomínio Centro Norte de Compras». Lá dentro, em conversa com Domingos Rangel, o vice-síndico, foi possível saber que o condomínio foi programado pela direção da Terracap. Em sua opinião a arquitetura local é péssima, e as pessoas não sabem se aquilo é colégio ou um hospital. Pensam em tudo, menos em comércio. Como a Terracap detém a maioria das lojas, os inquilinos não têm poder de voto e, a bem dizer, o síndico é nomeado. Sendo assim, as propostas para recriação do espaço jamais são levantadas ou postas em prática. Para ele uma melhora substancial se faria inicialmente pela transformação das fachadas das

Roosevelt Pinheiro



Paulo Jorge afirma que está em região privilegiada



Ney Carneiro: «Asa Norte propicia melhor entrosamento

lojas, onde pinturas diferentes e suaves surgissem, de forma a individualizar e identificar cada estabelecimento. Outro problema levantado são os frequentes assaltos motivados pelos becos e escurinhos da quadra. Segundo Domingos, os moradores das superquadras partilham da opinião de que da maneira como o comércio foi edificado, é inviável qualquer tipo de comunicação.

«Nem tudo o que foi determinado para ser feito em Brasília era para ter sido colocado em prática. A Babilônia é o exemplo real disto», diz Sylvio Carvalho, residente na SQN 205, que classifica tal edificação como uma excrescência. Sylvio amplia o seu parecer dizendo que além de ser um elefante branco, uma monstruosidade arquitetônica, o local não conseguiu até hoje reunir comerciantes capazes de atender às mínimas necessidades dos moradores das quadras. «Falta praticamente tudo: a padaria é deficiente e, a partir de determinado horário não se encontra mais nada, além de tudo ser muito mais caro, gerando um deslocamento dos usuários para outras quadras. Não há nada a não ser prestação de serviços de péssima categoria. Tem um eletricitista trambiqueiro a lavanderia mais cara da cidade e, de quebra, uma sauna de origem duvidosa». Sua opinião é repetida por todos os moradores do bloco J, que afirmam que a única maneira de se atrair comerciantes para lá, é botar tudo abaixo e construir novamente.

Maria Elaine, seguindo o seu raciocínio inicial pergunta a que idéia de cidade este espaço está respondendo. Em Brasília os encontros são programados, quando se sabe que a maior possibilidade de troca de informações dá-se através de encontros ocasionais. Portanto, para ela a diferença entre as Asas continua sendo epidérmica ou superficial. O problema não está entre as asas, e sim em Brasília como um todo, que é marcada pela setorização e uso exclusivo. Não há atividade que não admita habitação conjunta, mas os apartamentos sobre os comércios locais norte são estúdios transformados. Ou seja, não existem condições de salubridade. E isso está diretamente ligado a uma legislação urbanística falha. A favor de uma mescla com condições, gerando uma variedade de opções para escolha, sua sugestão passa por um zoneamento de uso do solo para atender efetivamente às diversas realidades e práticas sociais existentes, o que se configura em algo extremamente complexo. A questão a ser observada com atenção diz respeito à legislação, pois a arquitetura esclarece que o mais comum é encontrar-se uma legislação muito rígida, ou o seu oposto, que é a extrema permissividade.

«Há diferenças entre a Asa Sul e a Asa Norte. A Norte é mais mística, existe mais calor humano, solidez, organização e as pessoas são mais prestativas», diz Carmen Stella Aguiar, sobrinha de Moisés Aizic, proprietário da Queops Pyramid, localizada na CLN 403. «A Asa Sul tem muita coisa boa, mas a Asa Norte surpreende, pois você encontra coisas que não esperaria encontrar. O único porém está na falta de divulgação». Stella, que reside na Asa Sul afirma ser frequentadora assídua da Norte que, em seu modo de ver, é mais carioca.

A Casa das Meias situa-se na tradicional Rua da Igreja. Ney Carneiro Júnior, Filho do proprietário, admite em sua quadra uma grande interação entre consumidores e lojistas. Porém ressalta que o simples fato da Asa Norte ter uma arquitetura mais recente e contemporânea, propicia um melhor entrosamento entre as pessoas. «Mas, tudo depende da quadra. Tanto lá como aqui». Do outro lado da rua, o entrevistado foi Eugênio Iglesias, dono da Koppenhagen. Para ele a Asa Norte é melhor, mais moderna e menos monótona. Como os contrastes são maiores, mais a atenção é chamada. Mas no tocante ao relacionamento humano, a questão é mais ampla, pois o caso passa diretamente à Brasília como um todo, e seu caráter de cidade administrativa. Mary Menezes, proprietária do Mary's Studio, na CLS 106, diz que seu ponto é bom, mas o espaço físico na Norte é melhor. «A Sul foi feita com pressa e eu, por exemplo, tenho problemas de infiltração». O relacionamento humano, a seu ver, é na base do corre-corre e, apesar de estar na quadra há 19 anos, quase não vê os vizinhos, no dia-a-dia. Já no final da semana, todo mundo vai para fora e assim tudo se repete sucessivamente.

No filme de Sérgio Bazzi e Zuleika Porto, «Os Brasíliairos», Clarisse Lispector diz algo semelhante à «Brasília, cidade do futuro feita no passado». Recordando-se da citação, Maria Elaine vê a necessidade de uma discussão sobre o que seja vanguarda e considera discutível a cidade ser considerada como vanguardista. Eduardo Subirats, em seu «Da Vanguarda ao Pós-moderno», pergunta até que ponto a vanguarda não é reacionária, ou coloca que a vanguarda é revolucionária, pois muitas vezes ela consolida o status quo, ao invés de mudá-lo. Para o antropólogo Marcos Silveira, o discurso futurista acabou. Ele não existe. E morto.



A famosa Babilônia que desagradava comerciantes e moradores